

## **Os livros da floresta: contando histórias com os Mbya-Guarani**

### **Descrição da ação para apresentação**

O vídeo que apresentamos procura contar um pouco de nossa prática que resultou numa efetiva experiência de interculturalidade. Desde outubro de 2011 o Grupo Quem Conta um Conto se colocou num lugar difícil mas altamente compensador: contar histórias do povo Mbya-Guarani pesquisadas em diversos suportes (livros, DVDs, CDs, sites) para alunos e professores da escola situada na aldeia dessa etnia na Lomba do Pinheiro, a Tekoa Anhetenguá. A relação vem se construindo entre acertos e erros, dada a natural dificuldade ao tratarmos com um outro povo, portador de uma cultura diferente que habita tão próximo de nós, em plena cidade.

### **Objetivos**

Desde a primeira apresentação, quando, para surpresa deles, cantamos duas pequenas canções na língua Mbya, se estabeleceu um desafio de duas mãos: deles por aceitarem receber em sua escola pessoas que apresentam uma versão performatizada das histórias que conhecem como ensinamento, como memória ancestral; nossa por fazer o caminho inverso – transpor de novo em voz viva o que um dia foi transmitido pelos canais e signos próprios da oralidade desse povo enigmático e sereno, que não cansa de nos desafiar com seus silêncios, suas risadas e sua lucidez. Queríamos, além de contar, escutar suas histórias. Contudo, por termos contato basicamente com as crianças pequenas da escola, que falam pouco o português, nem sempre conseguíamos que eles atuassem como narradores. Então optamos por inserir nas práticas esquemas corporais, jogos e experiências com repetições de palavras, cantorias e ritmos, o que facilitava a comunicação. Também procuramos que referências de seu cotidiano aparecessem nas histórias e jogos escolhidos, sobretudo trazendo os seres da mata - animais e plantas – e ainda elementos míticos de sua cultura (o tatu, a onça, o artesanato, o peixe, a erva-mate, o milho, o rio, a lua, o sol). Sendo assim, buscamos aproximar a ordem simbólica da vida material. Com isso fomos nos apropriando de conhecimentos sobre essa cultura, procurando dialogar com seu ponto de vista tanto quanto conseguimos.

### **Metodologia**

Em nossas experimentações, propusemos uma sequência de práticas que se revelou inspiradora. Começamos por levar argila e convidá-los, entre músicas e jogos corporais de nosso repertório (como o “Escravos de Jó”), a esculpir seus bichos preferidos. Além dos animais das histórias por nós contadas, ganharam forma os seres de sua imaginação. No encontro seguinte, levamos sucatas e um suporte de isopor para construirmos a aldeia Anhetenguá. A intenção era fazer os bichos agirem naquele espaço conhecido, tornado real e fabuloso ao mesmo tempo quando eles criassem histórias nesse lugar construído coletivamente. Depois disso, a ideia era encenarmos ali uma festa dos bichos. Nesse momento, o professor Jerônimo mencionou que conhecia uma história dos bichos que faziam uma festa no céu, que de imediato nos fez lembrar de conto popular famoso no folclore brasileiro. Esse foi o gancho para que propuséssemos então que no próximo encontro cada um contasse sua versão da história. Seria a primeira vez que eles nos contariam uma história. No encontro

seguinte, preparamos uma apresentação especial, em que um de nós era o narrador e os demais apareciam como personagens, um deles tocando um violão, que era, além de tudo, elemento fundamental da história. Jerônimo contou em português e em guarani sua versão, em que apareceram diferenças interessantes (em vez de tartaruga, era um sapo a ir para o céu; em vez de violão para o transporte, uma mala; e ainda merece destaque o surpreendente desfecho da história com as asas de cera, que derretem ao sol e causam a queda – e o castigo - do sapo). Esse dia culminou com pequenas encenações, em que as crianças convidavam umas às outras para ir à festa e tinham que inventar um meio de chegar lá (avião, disco voador e pulos foram algumas das invenções). Com isso criaram micro-enredos e interagiam entre si e conosco. E ainda tivemos a degustação de frutas, bolo e sucos numa festa na aldeia. Meses depois, um desdobramento disso se deu com os alunos jovens nos recebendo na aldeia com uma leitura coletiva e em voz alta de uma versão – nas duas línguas - que eles escreveram da história.

### **Processos avaliativos possíveis**

Fechando um circuito produtivo, de trânsito entre culturas e entre letra e voz, experimentamos aqui a reciprocidade que marca esse povo: assim como oferecemos a eles nossas histórias, eles também têm nos oferecido, lentamente, suas histórias e ensinamentos. O que descobrimos nos livros sobre essa cultura resistente e fascinante se desdobra nas aprendizagens ao longo dessa convivência. Sobretudo a partir do professor Jerônimo, construímos propostas, imaginamos ações e recebemos inspiração para novos projetos e práticas. Conforme o professor, nossa presença faz com que enxerguem sua cultura de outra forma e a valorizem ainda mais. Estamos, assim, construindo um livro da floresta, cujas páginas são preenchidas na vida com múltiplas linguagens e com todos os sentidos. O registro em vídeo dessa trajetória propicia o compartilhamento desse encontro de temporalidades e cosmovisões distintas, porém abertas para a descoberta do outro.